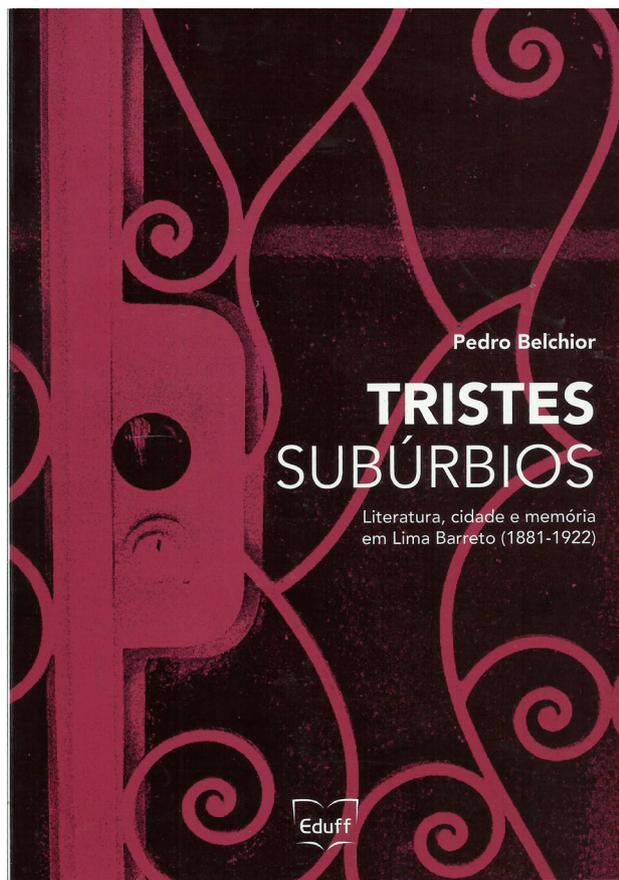


História e vida: andando pelos 'tristes subúrbios' cariocas



Lurian José Reis da Silva Lima

Mestre em Música pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutorando em História na Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista do CNPq. lurianlima@gmail.com

História e vida: andando pelos ‘tristes subúrbios’ cariocas

History and life: walking around the sad Rio de Janeiro (carioca) outskirts

Lurian José Reis da Silva Lima

BELCHIOR, Pedro. *Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória em Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: Eduff, 2017, 224 p.



Tristes subúrbios, de Pedro Belchior, é o primeiro trabalho analítico de maior fôlego sobre a relação de Lima Barreto (ele mesmo e sua literatura) com o Rio de Janeiro, especialmente com seu cenário e tema geo-socio-cultural privilegiado: os subúrbios. Como o autor nos revela na introdução, o livro é resultado da pesquisa de mestrado que nasceu de sua experiência de trabalhador-viajante na mesma cidade, onde chegou pouco depois de se graduar em História no interior de Minas Gerais (São João del Rei). Novo começo, novas perguntas.

Antoine Prost afirma, em um volume bem conhecido dos estudantes desse “ofício”, que é preciso viver para poder interpretar o passado¹; mais antiga que esta, e certamente mais difundida entre culturas menos egocêntricas, é a máxima segundo a qual é preciso olhar para o passado para se poder viver. Pedro Belchior fazia, me parece, esse segundo exercício – deslocava-se diariamente do subúrbio, onde morava, ao museu onde trabalha, em Botafogo, e se perguntava: como é que teriam surgido duas realidades tão distintas que compõem, não obstante, o espaço polarizado pelo qual tantas pessoas transitam cotidianamente? – quando descobriu Lima Barreto transeunte dessa mesma rota na “cidade partida” e resolveu fazer da obra deste o ponto de partida da investigação que nascia. Mas, por sua complexidade desconcertante, esse sujeito-obra acabou se tornando o principal motivo da pesquisa.

Sabemos que as dificuldades de utilizar a literatura para fazer historiografia derivam basicamente do fato de que ela antes cria uma realidade, mesmo que a partir da realidade, que a descreve. A forma e a medida dessa deformação dependerão dos propósitos artísticos de quem escreve, do momento e lugar histórico em que ele se inscreve, e por aí vai. No caso de Lima Barreto – o que também não é segredo – tal dificuldade é especialmente potencializada pela intervenção política deliberada da escrita de alguém que concebe seu trabalho como “missão”.² Para falar objetivamente, à maneira dos historiadores, seria impossível fazer dos textos barretianos fontes razoáveis para análise da cidade a menos que se os considerem, antes de tudo, como fontes para a análise do próprio Lima Barreto em sua relação com a cidade. Sendo, portanto, inócuo buscar “um subúrbio autêntico ou verdadeiro” (p. 15) em sua obra, Pedro Belchior julgou mais produtivo – e prático, já que uma empresa dessas demandaria comparações sistemáticas com dados externos à obra nos limites do prazo exíguo de dois anos – procurar nela um Lima Barreto mais “autêntico e

¹ Ver PROUST, Antoine. *Doze lições sobre história*. Belo Horizonte: Autêntica, 1996, p. 142 e 143.

² Ver SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

verdadeiro”, isto é, mais próximo da complexidade das reflexões sobre o Rio e os subúrbios presentes nessa obra.

O problema se tornava, assim, mais específico, relativo à “figura histórica Lima Barreto” e à compreensão que críticos e biógrafos tinham dele até ali: como ele teria retratado os subúrbios em sua obra? É correto vê-lo como um “suburbano” militante, um defensor dos pobres contra os ricos, da periferia contra o centro (marcado no início do século XX pelo processo duplo de aburguesamento urbanístico e limpeza social, ou seja, de modernização)? São essas as principais questões que Pedro Belchior enfrenta em sua pesquisa enquanto procura se afastar da dualidade pressuposta por certas análises binárias das condutas políticas. É nessa dualidade que se fundamentaram as avaliações que conhecidos marxistas fizeram da vida-obra barretiana – Caio Prado, Jorge Amado e João Antônio –, com os quais Pedro Belchior dialoga criticamente. Para tanto, o autor se debruçou sobre todos os escritos de Lima Barreto – produção ficcional e não ficcional publicada ou não em vida, além de suas cartas e diários. Essa escolha metodológica lhe permitiu mergulhar na vastidão do pensamento de Lima Barreto, embora tenha também tolhido o desenvolvimento de algumas chaves de análise relevantes, como apontarei à frente.

No primeiro capítulo, o autor se dedica precisamente à discussão da fortuna crítica de Lima Barreto: de sua marginalidade em relação às principais instâncias de legitimação do campo literário de seu tempo, do processo que leva a seu reconhecimento pleno e da maneira como esse caminho da margem à consagração foi interpretado por seus comentadores. Contudo, longe de uma simples “revisão de literatura”, o que introduz e conduz essa discussão é a maneira como o próprio Lima Barreto via o seu ofício, construía o seu estilo e, sobretudo, se via como intelectual em busca de um lugar no mundo literário, ou melhor, como sujeito em busca de um lugar no mundo por meio da literatura. Os autorretratos do escritor são vislumbrados tanto em textos acabados – destaque-se, aqui, o perfil do escrivão Isaías Caminha, protagonista de seu romance de estreia – quanto em suas anotações cotidianas e projetos não concretizados em vida – como aquele de *Cemitério dos vivos*, seu último romance. Nesse momento, o principal esforço de Pedro Belchior se concentra em mostrar que o escritor, vivendo uma “marginalidade amplamente reconhecida”, conseguiu construir redes de interlocução dentro das quais podia gozar do *status* de referência para jovens literatos e contar com o apoio e a admiração de figuras eminentes, como Monteiro Lobato.

O segundo capítulo avança sobre a construção do estilo e do projeto político-literário barretiano, concentrando-se no papel que neles ocupa a experiência na cidade e a própria cidade como palco e agente. Alguns traços biográficos, dispersos nas páginas precedentes, são retomados para falar do drama existencial de Lima Barreto: o período de sofrimento como menino negro na escola politécnica, vivido por insistência do pai; a libertação para a literatura, possibilitada pelo todavia doloroso declínio da equilíbrio mental do “chefe” da família; a subsequente obrigação precoce assumir esse lugar; o emprego no funcionalismo público de baixo escalão e a vida – algo forçosa, algo escolhida – de sujeito de classe média habitante dos subúrbios; o racismo. Pedro Belchior aponta para o fato de que essas experiências no Rio de Janeiro participam da constituição do estilo claro e despojado, do tom sarcástico e da sua conhecida metodologia criadora, marca de sua literatura: fazer do vivido o laboratório da ficção.

³ Esse descompasso pode ser efeito do processo de escrita/pesquisa dentro dos prazos acadêmicos, que geralmente não nos permite ter tanto zelo e fôlego nos momentos finais.

⁴ Em breve, Pedro Belchior nos brindará com a publicação de sua importante tese sobre a participação de Heitor Villa-Lobos na diplomacia cultural brasileira entre anos 1920 e 1950.



A autocompreensão de Lima Barreto, tema da primeira parte do capítulo anterior, é retomada para pensar sua relação, não mais com os pares literários, mas com o Rio e seus habitantes: “memória”, tempo e modernidade articuladas nas posições por vezes ambíguas do escritor a respeito dos costumes populares, apesar de sua flagrante militância contra a higienização social e o elitismo de superfície que caracterizavam a reestruturação urbana da capital no início do século XX. Em algumas das melhores seções do livro, o conceito de bovarismo, central na obra de Lima Barreto, é acionado por Belchior para interpretar tal vacilação. Trata-se de uma espécie de “teoria do ser”, uma maneira de relacionar-se consigo mesmo enquanto projeto, de imaginar-se “outro que não se é”. Essa projeção poderia resultar, em casos extremos, em pura fantasia e falsidade ou num comprometido e consciencioso processo de progresso social (de diminuição das desigualdades econômicas, de ampliação da liberdade criativa etc.). Segundo Pedro Belchior, Lima Barreto julgava, com base nesse princípio, as transformações supostamente “modernizantes” e civilizadoras do Rio de Janeiro, assim como a atitude dos grupos dirigentes e dos setores médios, como uma grande fantasia frívola, além de bárbara em sua violência com os subalternizados. A cultura destes, por outro lado, ainda que mais autêntica que a cultura das aparências dos homens novos da República, estava longe de constituir um ideal de progresso. Essa dupla crítica se mostra de maneira muito explícita nos retratos barretianos dos subúrbios, que abrigam “infelizes” de vários matizes – da classe média frustrada em seu sonho de riqueza à população negra e miserável – como enfatiza Belchior, antecipando uma discussão que será retomada no capítulo seguinte.

No último capítulo, o autor procura ressaltar as desigualdades e tensões dos subúrbios na obra de Lima Barreto, evidenciando que eles não são “um”, mas vários, e que o escritor definitivamente não foi um defensor heroico dos infelizes. Por isso mesmo toma *Clara dos Anjos*, o livro mais “suburbano” de Lima Barreto, como seu fio condutor. Belchior demonstra que a periferia sob olhar barretiano não é apenas o lugar do “povo”, mas um microcosmos organizado espacial e culturalmente com base em hierarquias socioeconômicas e simbólicas. Também não resta dúvida de que o escritor não tinha um lugar bem definido entre essas fraturas, embora Belchior não aprofunde a análise do papel que os dramas pessoais de Lima Barreto (que são sempre sociais) cumprem nessa ausência de identificação – mesmo a boa ideia do bovarismo não é lembrada aqui. O potencial desse capítulo final é um pouco enfraquecido pelo fato de que boa parte das discussões empreendidas nele já havia sido desenvolvida ao longo do livro, sobretudo no capítulo anterior.³ Nada que comprometa, no entanto, o interesse do leitor ou a pertinência das conclusões de Belchior quanto ao problema que o mobilizava.

Mas é tempo de pontuar também certas ausências, que devem ser vistas menos como falhas do que como possibilidades de desenvolvimento promissoras (e, pelo menos uma delas, necessária) abandonadas, como sempre ocorre ao longo do processo decisório de uma pesquisa. Antes de desenvolver brevemente essas críticas, ressalto que de modo algum elas diminuem a extraordinária maturidade e a relevância desse trabalho, que constitui apenas a primeira contribuição mais robusta de um pesquisador de inteligência brilhante.⁴

Há determinados, e claros, limites impostos pela escolha de ater-se exclusivamente (ou quase) ao que escreveu o próprio Lima Barreto na ten-

tativa de compreender Lima Barreto. O mais evidente deles, a meu ver, é o pouco diálogo com a historiografia social da cidade⁵ – não digo com fontes primárias, observada a dificuldade do prazo, já mencionada. Esse diálogo conferiria maior nitidez à visão singular do escritor (aquele “não lugar”) e situaria melhor os leitores nesse cenário-ator que é o tema livro. Nesse mesmo sentido, sair do ângulo de visão do próprio Lima Barreto poderia ajudar a desenvolver melhor o tema da “memória” que figura, aliás, no título do livro. Como as construções literárias a partir da memória e a insinuante ética da relação com história da cidade (das construções antigas à vegetação secular), que povoam a obra barretiana e o livro de Belchior, se comunicam, por exemplo, com as densas discussões contemporâneas sobre memória e história, lugares de memória, patrimônio? Dentro da proposta de pesquisa do autor, a subteorização da memória representa, a meu ver, uma promessa que não se cumpriu totalmente.⁶

Esse relativo “excesso de Lima Barreto” é acompanhado pela escolha de promover uma visão panorâmica do tema principal (a relação do escritor com os subúrbios), motivada provavelmente pela ausência de trabalhos disponíveis sobre esse assunto. Desbravar um vasto terreno novo implica, geralmente, deixar os detalhes um pouco de lado. O autor executa bem essa tarefa, mas temos por vezes frustrada a expectativa de vê-lo mergulhar mais fundo em subtemas insinuantes e fundamentar interpretações mais consequentes. O diálogo entre a etnografia que Lima Barreto faz dos subúrbios e sua autocompreensão poderia ter ido além do “como” e atingir certos porquês. Mais do que constatar a ambiguidade do escritor em relação aos trabalhadores e à cultura popular – para ficar em um exemplo caro ao corte de classe que fundamenta o livro –, adoraria ter visto Pedro Belchior arriscar compreender as razões dessa ambiguidade em termos sociológicos ou psicológicas, detalhar seus matizes, e assim por diante.

Mas, sem dúvida, a ausência mais significativa diz respeito aos temas da identidade negra e do racismo. Belchior, ao comentar o romance de estreia de Lima Barreto, que assinala também o início de sua glória subterrânea, ameaça projetar-se sobre esses lugares sensíveis, porém limita-se a sugerir que o racismo, e sua denúncia aberta por parte de Lima Barreto, “contribuiu” significativamente para seu fracasso nos espaços do prestígio literário. Já não temos mais o direito de negligenciar o fato de que

O racismo é um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades e subjetividades, de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, hiper-humanizados, etc., acima da linha do humano) e outras formas e seres inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano).⁷

Reconhecer o poder dessa estrutura é uma necessidade política tanto quanto epistemológica. Uma compreensão precisa da realidade depende disso. Permitam-me desenvolver esse ponto em um breve exercício, com o qual encerro minha apreciação desse belo livro.

Apesar da convincente ponderação de Belchior, nenhuma glória subterrânea supre a frustração de Lima Barreto por não ser reconhecido dentro do *stablishment* de seu tempo, como comprovam suas tentativas fracassadas de ingressar na Academia Brasileira de Letras. Esse ser-e-não-ser



⁵ Lilia Schwarcz fez isso recentemente, com a maestria que lhe é própria.

⁶ É possível que a teoria tenha sido excluída no processo de edição, de transformação da dissertação acadêmica em um texto mais acessível. Se é verdade, não creio que haja sido a melhor escolha. A edição, aliás, diga-se de passagem, deixou passar uma sequência de referências erradas nas notas de rodapé das páginas 188-190.

⁷ GROSGOUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNADINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica/Kindle Edition, 2018, p. 1005.

(reconhecido para si e para o outro) na história do escritor pode ser visto como a atualização particular do drama político e poético dos pensadores negros (e não só os “homens de letras”) que Paul Gilroy⁸ interpreta por meio do conceito de “dupla consciência”, elaborado por E. W. Du Bois. Os(as) negros(as), nas sociedades construídas pelo colonialismo e pela escravidão racial, são o oposto do modelo colonizador-vigente de humanidade e sua ação no mundo está sempre envolvida por essa dualidade. Eles(as) são compelidos(as), por isso, a desenvolver meios de lidar com e subverter sua atribuída falta de humanidade (incapacidade, inferioridade, matabilidade, etc.) e seus efeitos práticos (extermínio, segregação, linchamento, epistemi-cídio). A dupla consciência é o primeiro impulso desse desenvolvimento, e o próprio desenvolvimento é a bifocalidade potencialmente subversiva do pensamento negro. Ela se manifesta na reflexão de Isaías Caminha (citada por Belchior) diante do delegado que não podia acreditar que ele fosse um “estudante”: “A sua surpresa deixara-o atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? [...] Dessa vez eu tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral de minha inferioridade, decretada a priori, que adivinhei na sua pergunta” (p. 51).

O recurso à ideia de dupla consciência é apenas uma das possibilidades de análise comprometida com o fato de que Lima Barreto era, *a priori* (como ele diz por intermédio de Isaías Caminha), um negro no pós-abolição. Note-se, aliás, o que também destacou o autor de *Tristes subúrbios*: o plano inicial do jovem Lima Barreto para sua estreia no mundo literário era nada mais nada menos que um romance histórico sobre a escravidão! É uma pena que Pedro Belchior não tenha aprofundado sua reflexão quanto ao papel da violência racial na vida-obra de Lima Barreto, sobretudo quando se tem em mente que a ocupação dos subúrbios guarda direta relação com a movimentação da população negra do interior para a capital e do centro desta para a periferia. Ainda que a leve em conta sempre (esse cuidado não lhe faltou), o autor não toma a raça como categoria central. Priorizar os “conflitos de classe” é uma escolha legítima, mas incompleta, e certamente está ligada à quase total ausência de intelectuais negros nos referenciais teóricos do autor (a exceção é Stuart Hall, que, no entanto, não é acionado em nenhum momento ao longo do livro). Bem se vê agora meu argumento: o racismo estrutural fundamentou as recusas da ABL a Lima Barreto assim como fundamenta a invisibilidade hodierna dos(as) negros(as) no mundo acadêmico. Observá-lo em todas as suas consequências significa contrariá-lo hoje, no momento em que o historiador começa a pensar sobre o passado (para poder viver...). Há uma sólida tradição filosófica, sociológica, psicanalítica e literária afro-diaspórica, que alimenta os movimentos negros mundo afora e que não podemos mais ignorar. Ela diz respeito a todos nós.

Resenha recebida em 14 de junho de 2019. Aprovada em 3 de agosto de 2019.